

A Ideia de Sublime é Relevante para a Reflexão Filosófica Contemporânea?

O que é, então, o sublime? O que é sublime, este pode habitar este mundo? E se habita outro, poderá ser apenas uma plena replicação no terreno *terreno*. A arte contemporânea, por outro lado, reflete o quê? Como interpretá-la se na relação com o mundo ela se defende que representa, ou seja, é espelho, desse mesmo mundo? Por outro lado, a arte surge neste universo social globalizado, como uma panaceia, com o instinto de curar os males do mundo que, a meu ver, são essencialmente males do coração, como dizem muitos filósofos, ou seja, da relação das pessoas entre si e do universo amplo de realização do Homem enquanto ser (individual, em certo sentido) que pensa. A ciência social (dos humanos) parece fraquejar, por um lado, por outro abundam os técnicos da sociedade, sejam, antropólogos sociais, sociólogos, psicólogos sociais, assistentes sociais. Lewis Mumford analisou a relação entre arte e técnica e nesse sentido, a arte tem uma técnica e refiro-me em particular à pintura. Sem técnica, porém, um quadro pode ser sublime. *A Origem do Mundo* pode ser sublime enquanto é projeção à experiência do outro e enquanto, como aconteceu com Nietzsche, o filósofo não agrada de todo aos seus contemporâneos, aqueles que virão depois de si o considerarão como um génio que se projeta na infinidade dos tempos de gerações vindas e vindouras. Na antiguidade, o sublime era associado à arte e vice-versa, mas com a morte de Deus acabou-se por perder essa ligação. Hoje em dia, no universo da arte importa a performance, o desempenho e a própria arte se tornou sublime. Podemos pensar que, essencialmente, o sublime clássico se encontrava patenteado na arte e a reflexão filosófica está, de uma certa maneira, pela tradição que vem de longe, associada à escultura, pintura, e a reflexão filosófica produzida nesses tempos reflete isso mesmo. Ora, neste sentido, podemos inferir que a reflexão filosófica esteia a partir de um determinado contexto histórico, cultural, contextual, digamos. É o espelho da história, em certo sentido, e sua “vítima” intelectual, como diria Ortega y Gasset. Hoje em dia, na contemporaneidade, a ideia de sublime está deveras presente na

reflexão filosófica, porque, antes de mais, o mundo e o sujeito são sublimes a toda a hora, pelo menos em termos de busca, no sentido em que o homem procura a vida enquanto pescadinha de rabo na boca, digamos, o sublime da arte contemporânea e, digamos, da reflexão filosófica, é uma busca do sentido da vida na própria vida, ou seja, na caixa, fora da caixa mas sendo portador ou apóstolo da caixa em Si ou, o que mais fascina a reflexão filosófica contemporânea será a questão do devir e da finitude, a meu ver, porque o mundo e seus componentes está cada vez mais ligado, ou apenas ligado de outra forma, com menos ecos, com mais ou menos violência não sabemos, de todo. Podíamos dizer, como os jornalistas, que se transmite, que a arte e logo a reflexão filosófica apenas reflete a realidade (social, mental). Ora, a realidade é construída de raiz pelo homem, a realidade É o Homem. O filósofo prepara a sua atividade reflexiva porque se prepara para a morte, na verdade, nada de mais misterioso e pleno de segredos que a finitude, que é simples medicinal falência dos sistemas vitais. Neste sentido, foi sendo dito na sociedade e nos media que este é o último dos tabus, por isso todo o homem é, pouco, mais ou menos, filósofo, mas ele mesmo explica, no fim das suas dissertações, que a morte física é apenas o princípio, hoje em dia quase toda a medicina (da parapsicologia à medicina forense, desde já com as ciências sociais, que sempre afirmar que não existe morte individual, ou seja, as sociedades têm memória) tende a afirmar que a alma individual não perece, apenas se transforma, se transmuta, como a crisálida. Será isto um truísmo ou sou eu mesmo, enquanto cientista social, que estou precisamente arranjando explicações para tudo? O filósofo também o faz, prescindindo de um tempo e de um espaço de habitação, de habituação. No fundo, ambos estão mais próximos do que se julga e desde já diferem, a meu ver, apenas nesse aspeto, se excetuarmos o relativo divórcio entre teorias interpretativas e representações coletivas por parte do antropólogo...mas a morte projeta de certa maneira o sujeito para outra condição, a de ente, pleno o transitório, sendo que o senso-comum não joga deveras com a possibilidade de Ser, que

antes de mais o poderia tornar armadura caritativa e bem-fazeja, mas o que é na verdade o Bem, o que é, no fundo o Mal?, senão formas diferentes de agir e pensar e diversos momentos e oportunidades? O senso-comum preocupa-se mais com a economia, antes mais do seu núcleo doméstico e de amigos, do que propriamente do final de uma existência mais ou menos realidade, um final que na verdade não existe. A meu ver, a morte não existe, por isso é sublime, nem sequer a Vida existe, o que nos percorre as veias é de outra ordem, coisa que vou explicar mais adiante. A morte, colectiva (Auschwitz, Darfur) é o pleno terror desordenado, a ausência de valores, o obscuro do ato racista, a experiência dos lugares onde pode chegar a alma humana (Jung), a morte é sublime, é por excelência e definição o Sublime, por isso ela interessa tanto à reflexão filosófica contemporânea, dado que o seu discurso é, em meu sentido, não feminino nem masculino, não positivo nem negativo (em termos de um certo maniqueísmo intelectual bem pensante ou apenas agregado ao discurso do senso-comum), mas neutro, ou seja, plenamente objetivo, preciso conceptualmente, ao mesmo tempo que outras disciplinas se arrogam dos instrumentos conceptuais mais diversos para analisar a realidade. Portanto, a melhor maneira que o homem encontrou para lidar com a morte foi, diz-nos a antropologia, melhor, as sociedades primitivas, foi dissimulá-la, ou seja, aplicar-lhe uma máscara para lhe retirar-lhe o peso existencial, metafísico, moral, física, químico, sobrenatural até...ou seja, por último, aplicar-lhe uma máscara (Lévi-Strauss et al), dar à sociedade a vida que parte, num duplo sentido de retorno, talvez devolvendo a vida que (se) deixa de existir, à geração mais nova, que observa o velho moribundo e ouve os seus últimos conselhos, admoestações, confissão de técnicas de sobrevivência, exalações do seu espírito experiente e sabedor. Talvez seja essa a única coisa que resta como consolo enquanto parte: ver os outros sem máscara a partir do detrás da sua máscara, entre biombo ou numa casa antiga, frente a uma tv que nunca deixou de ter emissão. A morte é, assim, o grande enigma, o desafio, como a vida, recreativa ou reprodutiva que corre no corpo do homem e se colhe no da

mulher, a última fronteira, ou seja, o princípio da partida para descobrir o que haverá, para o sujeito e depois, em termos de aprendizagem e memória, para o grupo, que ele seja um Mozart sepultado apenas com a presença do seu cão, quer seja o político eminente como Churchill, ou então um mero camponês que, em favor da questão da verdade, apenas fez parte, parte da realidade, da paisagem e, parafraseando Drummond de Andrade, talvez seja essa a via mais correta, mesmo no sentido ético, o homem faz parte de um cenário, é acto e reproduz de um guião muitas vezes repetitivo, encontrando nessa reiteração a felicidade, como um verídico *ritornello* de Orff¹. Como a morte não existe, ela é símbolo, ficção, tal como o racismo, para o homem se aventurar na vida social, ou seja, o que é a verdade? O que é verdade para mim pode não o ser para outra pessoa...O que é Bem e Mal? Teríamos, sempre, de ver o Todo, como Marcel Mauss e os seus fenómenos sociais totais. Na verdade, na sociedade, o Bem e o Mal andam constantemente ligados, quase se colam por vezes, toda a pessoa tem o seu sentido de Bem e Mal, sim, na verdade o que é a paternidade senão um encargo? Porque têm os filósofos, normalmente, menos filhos do que outros homens ou mulheres de outras profissões? Talvez, simplesmente, porque são pensadores, *pensarinhos*, sábios, porque pensam como profissão, porque queiram conhecer ou conheçam de antemão, a realidade, a social e da natureza humana. Neste sentido, justifica-se uma antropologia filosófica, ou seja, um estudo da natureza humana relativa ao seu pensar e princípios no curso e contexto do viver em sociedade, não só nos termos da reflexão, mas também da ação na esfera do espaço doméstico e do espaço público. Eu defendo esta conjunção de ideias, de saberes e disciplinas,

¹ Na verdade, também penso no meu pai, na minha mãe também, evidentemente, e no acto, social e individual, de lhe suceder, talvez por ausência de filhos, mas penso também noutros espaços para além dos que habito que me possam projectar a mim e aos meus para um lugar que seja parecido com a casa da família, onde não há, à partida, máscaras nenhuma...

quer sejam elas sociológicas, antropológicas (sociais e culturais), quer seja filosóficas e teológicas, por fim. Por isso defendo uma filosofia positiva, construtiva, que possa fazer degladiar entre si os mais diversos sistemas de pensamento e, dizendo isto, sei dizer que a filosofia é, por definição e tradição, uma atividade que visa “construir” qualquer coisa, seja um edifício seja uma habitação qualquer numa falésia de mármore, uma habitação do ronronar do pensar, da casa da zona de conforto, pois dela nasceu a vida de que somos portadores e a ela há-de regressar...E digo casa porque é esse o feto da economia, ou seja, a ideia de que ninguém gosta de estar fora da zona de conforto, mesmo sabendo que o conforto a mais pode gerar significativa discórdia. Enquanto a antropologia se ocupa da tradição e da reprodução, a psicologia ocupa-se da sexualidade, enquanto os outros psis dos mecanismos, traumas e danos do abuso nas relações, que se tornam *ralações*, que em pouco tempo se tornam “ralações”, veja-se o fenómeno da violência doméstica e a proliferação explosiva das representatividades mediática e funcionais do corpo, da relação entre os corpos, enquanto, lateralmente, mais se estuda sobre o intrincado e intermanifestamente interpenetrante mundo da vida erótica das plantas, o que podia deitar por ter qualquer argumento moral e ético face à prática desordenada e disseminada do sexo animal...

Em nossa opinião, o sublime não está relacionado com a experiência do transcendente, com a biografia ancorada num contexto social e cultural restrito onde se filosofa, a verdadeira experiência do sublime é redundantemente e redondamente humana, ou seja, maneja a antropologia e a filosofia, tendo de permeio a sociólogo, melhor, é uma experiência de viagem, talvez literária, de descoberta do Outro, da Índia e sua espiritualidade, por exemplo, do Tai Chi, que nos permite encaixar a dualidade relacional corpo-espírito nessa outra incompreensível espaço-mundo, a espiritualidade tanto do Tao como do índio da amazónia, melhor ainda, a descoberta da humanidade fora de nós e que sempre esteve em nós e se preenche pela descoberta dos costumes, do sentires e das creditações as mais diversas do planeta, isso faz filosofar sobremaneira

não só sobre o Homem para do seu sentido (de essência e existência), ou seja, há um dado comum de que se parte para reflectir abundantemente a propósito dos mais variados tópicos filosóficos. Mas entendo e consumo temporalmente o sublime de um concerto de Brandenburgo, sob a mais variadas formas e intérpretes, de uma variação de Bach por Glen Gould...sempre quis, mas sempre tive de premir no autómato que sou o botão da praxis, da efectividade, do valor. Enquanto o sublime chegou, depois de ardorosa procura, pela via do franciscanismo, a pulsão para viver em sociedade levou à ciência social e à obsessão de que a experiência biográfica vital pode ser não somente tematizada como matematizada...erro meu, procuro então o sublime num câozinho que se chega a mim, numa criança nórdica que se ri para mim no metro de Lisboa...

Noutro sentido, podemos articular diametralmente uma antropologia radical da filosofia, no sentido de que a especulação filosófica, a reflexão filosófica terá, para alguns seus praticantes, a ver essencialmente pelo que chamei noutro lugar de “pensamento dos fundilhos”, relacionado com o que se chama de patologia em psiquiatria e em antropologia da raiz cultural disso mesmo nos termos de uma oposição sujo/limpo quanto aos usos e apresentações sociais (ou íntimas) do corpo. Para a maior parte daqueles que acreditam no desejo e na sua realização (“sublimemente”) através do corpo, o sublime tem a ver com a prática sexual, pelo que ela poderá representar de entrega ao Outro, em certos termos ou, no limiar, de autêntica sujeição da corporalidade no universo do social e seus compósitos individuais ou grupais. Nesse aspeto, o êxtase do ato sexual pode ser considerado, em sim, enquanto unidade de comunicação, como uma certa experiência do sublime. Digamos de outro modo que a ideia de sublime sofreu interferências, o conceito sofreu invasões irreversíveis que têm essencialmente a ver com um trabalho ao nível do in-consciente colectivo. O sublime de hoje e que o império americano contaminou pelo mundo é o do caos, ainda que muitos procurem não só sentido no seu mundo e neste mundo, alheados do Outro, do Outro mundo, do Mundo do Outro. O sublime está em

Platoon, *Os Bravos do Pelotão*, que aplicou a cena de Kypling, o sublime é a filosofia cinematográfica por exemplo de um Henry-Lévi, sobre a guerra da antiga Jugoslávia, o sublime está no intento da mente do Homem que procura sentido sempre (chamam-no constantemente na rua de logo, logo todo o filósofo será logo? Não é sua tarefa, como a do antropólogo, criar sentido ligando as coisas, o caos, as coisas do caos? Não estará o sublime, a sublimidade do Mundo essencialmente no “facto”, na ideia de ser caótico, ou seja, de ser “deslargo” até ao momento, ou espaço, ou ideia, em que se vonta a ligar, a fazer sentido? Não estará mais do que certa a filosofia eliadiana, que refere as coisas do mundo em termos de uma eternidade que se prescreve, repete, eterniza, tal como A Eternidade do Mundo, de Boécio? Não estamos no meio de uma Idade-Média ao contrário, poderiam dizer Zizek ou Sloterdijk, ou mesmo Bauman, que ao voz e os diálogos se cruzam, entrecortam, interpenetram, tal como os corpos videográficos, as searas onde cultiva produtos ecológicos quem quis abandonar o *citylight* que oprimia as suas consciências como um martelo nietzscheano aturdido e estridente? O que mais sublime do que a angústia das mentes circunstancialmente angustiadas no Metro? Quando se sonha com uma metrópole que nos diga como é “viver” ou o que fazer nas mais diversas situações, habituamo-nos a ver qualquer coisa de maravilhoso, religioso, sublime diria até, na circularidade de um pensamento pós-moderno onde se perpetua uma rotina como um *saltarello*, uma *pasachaila*, onde a té a depressão tem sempre um grão (de areia, de piri-piri) de esperança e chispe de novo para a hiper-realidade para onde o nosso espírito é enviado. Assim, os corpos (e os copos, por vezes) do Metro, são corpos translúcidos, na verdade não se enxerga nem o corpo nem a mente, enxerga-se um feixe de sentido do caótico que esconde a agressividade do Eros, e seu trabalho num contexto espacial determinado, que ora se limpa ora se mantém sujo ao sabor das mais variadas disposições do espírito dos espíritos. Veja-se a este propósito um Marcuse ou mesmo um ensaio de Freud “Mal-Estar na Civilização”.

Podemos propor como teoria a ideia de que, desde que nasce, o homem tende a morrer, ou seja, há toda uma reflexão sobre a morte que a filosofia e a antropologia têm feito, com dados ou especulações, mas que convém fazer de modo mais premente e acintoso, pois parece-me que muitos sujeitos não se dão conta que, efetivamente, mais tarde ou mais cedo, vão “morrer”, ou seja, esse corpo físico que habitamos, de que são donos, ou não, vai cessar de existir, pelo menos sob aquela forma que é conhecida no presente. Ou seja, o homem sábio é aquele que reflete sobre a morte, sobre o fim, e assim desenha a finalidade da sua praxis e do seu pensamento.

2017